

*dossier variações em tom menor
em redor da infância, psicologia e educação***cartografias da inventividade pedagógica:**

infancializar e experienciar através da arte contemporânea

autores**amanda de carvalho michaelides**universidade federal do paraná,
faculdade de filosofia, ciências e letras,
departamento de pedagogia

curitiba, paraná, brasil

e-mail: escreva.amanda@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-7526-7808>**bruna moraes battistelli**universidade federal do paraná,
faculdade de filosofia, ciências e letras,
departamento de pedagogia

curitiba, paraná, brasil

e-mail: brunabattistelli@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0003-0973-0934>**editores****césar donizetti leite**<http://orcid.org/0000-0001-8889-750X>**luciano bedin costa**<https://orcid.org/0000-0002-6350-264>**fernanda omelczuk walter**<http://orcid.org/0000-0002-8617-8971>**rodrigo lages e silva**<https://orcid.org/0000-0002-6948-2824>**tiago almeida**<https://orcid.org/0000-0002-3557-0623>**doi: 10.12957/childphilo.2026.95500**

resumo

Este trabalho se desdobra das experimentações cartográficas da primeira autora pensando nas possibilidades metodológicas que usem da inventividade tendo a arte contemporânea como campo de criação e provocação para tornar a sala de aula um espaço para a experiência e a infancialização. Desta forma, iremos narrar parte do processo de invenção de um livro infantil coletivo, no qual a partir de convites para artistas variados, a primeira autora segue construindo sua proposição literária. A pesquisa, construída a partir da cartografia como perspectiva metodológica, acompanha os deslocamentos, afetos e experimentações vividos durante esse percurso de criação, compreendendo a docência como um campo de invenção e sensibilidade. Para tanto, nos aproximamos de autoras/es como Virgínia Kastrup, Gilles Deleuze, Jorge Larrosa Bondía, Luciana Loponte, Renato Noguera para sonhar possibilidades inventivas desde o fazer da pedagoga em encontro com a literatura e com as artes contemporâneas. Ao articular arte, literatura e formação docente, o trabalho aposta na experiência como possibilidade de transformação e na infancialização como abertura para outros modos de aprender, ensinar e produzir conhecimento. Assim, busca contribuir para a construção de práticas pedagógicas que valorizem a imaginação, a coletividade, a criação artística e o encontro com as múltiplas infâncias nos espaços educativos.

palavras-chave: inventividade; docências; arte; infâncias, cartografias.

cartographies of pedagogical inventiveness:

infantilizing and experiencing through contemporary art

abstract

This work unfolds from the cartographic experiments of the first author, reflecting on methodological possibilities that employ inventiveness, taking contemporary art as a field of creation and provocation, to make the classroom a space for experience and engagement with childhood. In this way, we will narrate part of the process of inventing

a collective children's book, in which, through invitations to various artists, the first author continues to build her literary proposition. The research, developed through cartography as a methodological perspective, follows the movements, affects, and experimentations experienced throughout this creative process, understanding teaching as a field of invention and sensitivity. To this end, we draw near to authors such as Virgínia Kastrup, Gilles Deleuze, Jorge Larrosa Bondía, Luciana Loponte, and Renato Noguera to explore inventive possibilities from the perspective of the educator in conjunction with literature and contemporary arts. By bringing together art, literature, and teacher education, this work embraces experience as a possibility for transformation and *infancialização* as an opening to other ways of learning, teaching, and producing knowledge. In doing so, it seeks to contribute to the development of pedagogical practices that value imagination, collectivity, artistic creation, and encounters with the multiple forms of childhood in educational spaces.

keywords: inventiveness; teaching; art; childhoods; cartographies.

cartografías de la inventiva pedagógica: la infantilización y la experiencia a través del arte contemporáneo

Este trabajo surge de los experimentos cartográficos de la primera autora, reflexionando sobre las posibilidades metodológicas que emplean la inventiva, tomando el arte contemporáneo como un campo de creación y provocación, para convertir el aula en un espacio de experiencia y compromiso con la infancia. De este modo, narraremos parte del proceso de creación de un libro infantil colectivo, en el que, a través de invitaciones a diversos artistas, la primera autora continúa construyendo su propuesta literaria. La investigación, desarrollada a través de la cartografía como perspectiva metodológica, sigue los movimientos, los afectos y las experimentaciones vividas a lo largo de este proceso creativo, entendiendo la enseñanza como un campo de invención y

sensibilidad. Para ello, nos acercamos a autores como Virginia Kastrup, Gilles Deleuze, Jorge Larrosa Bondía, Luciana Loponte y Renato Noguera para explorar posibilidades inventivas desde la perspectiva del educador en conjunción con la literatura y las artes contemporáneas. Al aunar el arte, la literatura y la formación del profesorado, este trabajo aborda la experiencia como una posibilidad de transformación y la «infancia» como una vía de acceso a otras formas de aprender, enseñar y producir conocimiento. Con ello, pretende contribuir al desarrollo de prácticas pedagógicas que valoren la imaginación, la colectividad, la creación artística y los encuentros con las múltiples formas de infancia en los espacios educativos.

palabras clave: inventiva; enseñanza; arte; infancias; cartografías.

cartografias da inventividade pedagógica:

infanciarizar e experienciar através da arte contemporânea

introdução

Em um mundo que insiste na pressa e na produtividade, esquecemos de respirar. A escola, atravessada por essa lógica, muitas vezes se distancia da experiência e da contemplação — espaços que os japoneses chamam de *ma*: suspensão, espera, transição ou preparação para o novo (Okano, 2014). Inspiradas em autores como Ailton Krenak (2020), compreendemos a importância de resgatar tempos de pausa e escuta. Por esses motivos, defendemos caminhar pela inventividade (Kastrup, 2001) para criar espaços de experiência (Bondía, 2002) a fim de abraçarmos tempos infanciarizantes (Noguera; Barreto, 2018).

Defendemos, assim, uma escola que acolha o “perder tempo” como gesto pedagógico, para reaprendermos a “pisar suavemente na terra, de forma que, pouco depois de nossa passagem, não seja mais possível rastrear nossas pegadas” (Krenak, 2020, p. 52). Desejamos, com isso, convidar outras educadoras a também criarem caminhos inventivos que tornem a experiência — sobretudo a infanciarizante — possível.

A partir dessa inquietação, buscamos compreender como a arte contemporânea pode favorecer práticas pedagógicas inventivas, abrindo caminhos para experiências infanciarizantes e para uma docência atravessada pela imaginação. Dessa forma, o artigo tem como objetivo investigar de que modo a arte contemporânea pode favorecer práticas pedagógicas inventivas e experiências infanciarizantes na formação docente.

Essa pesquisa se constrói como uma cartografia (Kastrup; Passos, 2013), entendida aqui não como um método fixo, mas como um modo de acompanhar processos, registrar afetos e traçar percursos que se movem entre arte, experiência e infâncias. Ao cartografar o caminho da primeira autora — suas experiências, deslocamentos e invenções pedagógicas —, o artigo propõe uma escrita que se faz junto ao processo, e não sobre ele.

Assim, apresentamos parte do percurso vivido durante o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, que se desdobrou na criação de um livro de literatura infantil como proposta metodológica. Com base em autoras/es como

Virgínia Kastrup, Jorge Larrosa Bondía, Gilles Deleuze e Félix Guattari, compreendemos a arte como um campo de deslocamento e invenção, capaz de instaurar outras formas de aprender e ensinar.

Para isso, discutimos os conceitos que sustentam a pesquisa, articulando reflexões sobre a experiência, a arte e as infâncias. Depois, apresentamos o percurso vivido pela primeira autora, em diálogo com a cartografia como modo de pesquisa, e a criação de um livro de literatura infantil como gesto inventivo. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o papel da arte contemporânea na formação docente e suas potências para reinventar a experiência na escola.

Afinal, cartografar a inventividade pedagógica é uma forma de apostar na escola como espaço de resistência e criação — onde a experiência e a arte se encontram para fazer emergir novas formas de aprender e, por que não, de existir?

o enigma da infância

O que é a infância? Como definir o “ser criança”? Essa instância, que historicamente tem sido delimitada e catalogada por adultos, ainda hoje gera debates. Seria a infância determinada por uma faixa etária específica? Pelo desenvolvimento psicológico e biológico? Ou será que podemos compreendê-la a partir de um conjunto de rituais culturais — como as brincadeiras, as parlendas, a fantasia?

Atualmente, para muitas/os pedagogas/os, não há uma única forma de ser criança, tampouco uma infância universal. Compreendemos que marcadores sociais como raça, classe, gênero e território (campo ou cidade), bem como a cultura na qual a criança está inserida, afetam diretamente a experiência de ser criança. Ainda assim, a escola frequentemente insiste em tratá-la de forma homogênea, desconsiderando suas múltiplas infâncias.

Como nos provoca Miguel Arroyo, em *A infância interroga a pedagogia* (2005), precisamos deixar que a infância nos questione e revele o quanto nossas práticas escolares tentam homogeneizar aquilo que é, por natureza, múltiplo e diverso. Para ele, as infâncias são insurgentes e tensionam as verdades estabelecidas da pedagogia, revelando o quanto as escolas ainda operam com modelos normalizadores.

Neste trabalho, não pretendemos solucionar aquilo que Jorge Larrosa Bondía (2014) chama de “enigma da infância”, mas caminhar com ele. Buscamos uma pedagogia que fuja da vontade de dominar, de explicar, de didatizar tudo. Desejamos uma pedagogia que caminhe junto com a infância, sem tentar encaixá-la em porquês. Aceitamos a infância. Desejamos uma pedagogia que se encontre com ela — que beba de sua fonte a ponto de se tornar impessoal, impossessiva, e se fundir com a própria experiência das infâncias. Um verdadeiro “devir-criança” (Deleuze, 1997).

infancialização: um chão que pisamos a vida inteira

É por isso que caminhamos com o conceito de infancialização. Inspiradas na desconstrução da palavra “infância” feita por Renato Noguera e Marcos Barreto (2018), contrapomos a ideia ocidental — de origem no termo infante, “aquele que não fala” — à noção africana de *ubuntuwana*.

Enquanto a primeira reduz a infância a uma fase transitória rumo à fala e à vida adulta, *ubuntuwana* oferece outro horizonte: significa “a relação de estar afetado pela experiência de realizar-se como humano através de vivenciar relações com outros seres humanos”. E mais: “A infância é a condição de possibilidade de experimentação da humanidade individual através da vivência com outros seres humanos, afirmação da nossa condição de seres interdependentes” (Noguera. Barreto, 2018, p. 631).

Ou seja, a infância é um ato de abertura ao mundo, um encontro com o sensível e com o outro. Noguera e Barreto (2018) leva a ideia de experiência para outro patamar, adicionando um sexto sentido aos cinco conhecidos (visão, olfato, tato, paladar e audição). O sexto sentido é a infância — na perspectiva de *ubuntuwana*. Esse sentido é mais “potente” nas crianças, mas não está totalmente perdido nos adultos. Basta lembrarmos da famosa frase de Lya Luft (2003, p. 12): “A infância é um chão que pisamos a vida inteira”.

Ao defender o ato de infancializar, defendemos ativar esse chão em nós. Olhar a criança não como quem ainda vai ser, mas como quem já é. Reconhecer nela a potência de um outro modo de estar no mundo — mais aberto, mais sensível, mais relacional.

Queremos retomar a metáfora de Noguera e Barreto (2018) a partir da criação de Exu. Entre os orixás, Exu era o mais jovem e aquele que mantinha uma fome imparável — precisando de interferências para que não devorasse o próprio mundo. Essa fome pode ser compreendida como uma “curiosidade por tudo que existe. A ameaça de ‘acabar com o mundo’ indicaria, tão somente, um desejo incontrolável das crianças — seres que habitam a infância por excelência — em descobrir os sabores do mundo” (Noguera, Barreto, 2018, p. 639).

A própria infância é, para a mente ocidental, uma ameaça de devorar esses mundos. Como uma esfinge, ela nos avista e sussurra: “decifra-me ou te devoro”. É preciso compreender que pouco se ganha ao tentar resolver esses enigmas. Mas ganharíamos mundos se reconhecêssemos que esses enigmas ainda vivem em nós — adultos. Afinal, nós apenas aprendemos a mascarar a fome.

a experiência

É aí que entra a experiência (Bondía, 2002). Pensar na sala de aula como um espaço para a experiência é se abrir para a força criativa e inquietante da infância. As crianças indagam, arriscam, criam. Carregam em si, muitas vezes, a potência de serem sujeitos da experiência: estão abertas àquilo que lhes passa, ao que lhes acontece, ao que as toca.

Quando pensamos em uma pedagogia inventiva para a experiência, pensamos em alimentar a curiosidade, a imaginação e a sensibilidade que toda criança carrega. A experiência supõe um “princípio de transformação” (Bondía, 2011): o modo como me transformo a partir daquilo que se passa comigo. Assim como a infância, a experiência é múltipla. Quando abraçamos a experiência, estamos também abraçando as infâncias — suas insurgências, seus interesses, suas possibilidades.

arte contemporânea e o devir-infância

É justamente nesse ponto que a arte contemporânea se apresenta como um território fértil de aproximação. Como aponta Luciana Loponte (2008, p. 116), “a arte contemporânea é feita da irrupção de acontecimentos” — ela é imprevisível. Não se preocupa com o resultado, mas com o modo como afeta aquele que está aberto ao seu encontro.

Assim como a arte contemporânea, “nem sempre a infância é doce e alegre; ela também é desvio, perversão, manipulação” (Loponte, 2008, p. 117). A infância carrega em si uma força de ruptura — com padrões, expectativas adultocêntricas e formatos escolares prontos. Ela pode incomodar porque cria, tensiona e reinventa.

Loponte (2012) observa que a arte costuma adentrar os muros da escola de forma “tímida” e “domesticada”, frequentemente restrita a finalidades utilitárias, como fazer cartões para datas comemorativas. Ou então aparece nos moldes da história da arte tradicional: “Quem foi o pintor X?”, “O que ele fez?” — seguidos de releituras de suas obras mais famosas. Um eterno “copiar e colar”. E para quê?

Ao abrirmos espaço para o contemporâneo, abrimos as portas para o novo, para o possível e o impossível — para as infâncias. Quando Loponte cita Elliot Eisner (2008), ela nos convida a pensar a arte contemporânea como uma bússola, capaz de nos orientar mesmo na ausência de regras, justamente porque nos provoca a pensar com autonomia. A arte nos abre os olhos para o sensível, o inesperado, a flexibilidade das incertezas.

Por outro lado, não defendemos uma sala de aula sem regras ou qualquer forma de organização. Há uma racionalidade que sustenta os pontos que levantamos — apenas não aquela da rigidez e do controle. Nós também chegamos a conclusões, mas operamos com outro tipo de lógica. Inspiradas no conceito de sentipensar de Orlando Fals Borda (2015), tal como mobilizado por Bruna Moraes Battistelli, Kelly Lima e Caroline da Cruz Melnick (2024), queremos sentipensar a poética em educação.

Uma sala de aula sentipensante abre o pensamento para além da racionalidade; pensamos enquanto dançamos, cantamos, caminhamos. O que seria da educação sem o toque, sem os cheiros, a audição, o arrepio depois de algo que mobiliza o corpo todo? (Moraes Bastistelli; Lima; Da Cruz Melnick, 2024, p. 67).

Ao abrirmos mão da forma rígida — aquela em que todas as crianças devem fazer as mesmas coisas ao mesmo tempo — reafirmamos que as pessoas são diferentes entre si. Possuem ritmos, histórias e necessidades distintas. Assim, abrimos espaço para o sentipensar, para o gesto de se infanciar.

Reconhecemos, contudo, o contexto sociocultural em que muitas/os professoras/es estão inseridas/os: coordenações rígidas e conservadoras, salas superlotadas, múltiplas demandas, pouco tempo livre e uma sobrecarga que compromete a saúde física e mental. O cenário da educação brasileira é

atravessado por inúmeras contradições. Ainda assim, uma sala de aula aberta à experiência não exige tanto — do ponto de vista estrutural.

“Se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé.” Quando fazemos propostas simples, mas bem trabalhadas e bem pesquisadas, já cumprimos parte do nosso papel. O que defendemos é justamente essa abertura para as contradições — essa disposição para jogar com as incertezas.

Portanto, abrir-se à experiência da arte contemporânea é abrir-se à experiência da própria infância. Ela é um campo generoso de teste e reinvenção, de afeto e acolhimento das infâncias — seja qual infância for. Deste modo, uma pedagogia inventiva para a experiência é aquela que se coloca para além de metas e planilhas. É aquela que se compromete com uma educação pela e para a vida. Para que possamos, mesmo adultos, continuar pisando — descalços — nos jardins da infância. Um eterno devir-infância, ou, simplesmente, infanciar-se.

aprender é inventar

Baseada nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Virginia Kastrup (2001) relaciona os conceitos de aprendizagem, arte e invenção. Para ela, aprender é um processo cognitivo de invenção de problemas — ou seja, de tensionamentos da realidade, de experimentação e de produção de subjetividade.

A arte surge como uma circularidade inventiva: para que possamos aprender, precisamos inventar — e inventar é também uma forma de aprender. Estamos em constante processo de “aprender a aprender”.

Enquanto o ensino tradicional se preocupa com a repetição, a aprendizagem inventiva opera por contágio e propagação. O professor, nesse contexto, é um atrator: alguém que convida a caminhar junto na experimentação. Ao contrário do ensino tradicional, que grita “faça como eu”, a aprendizagem inventiva convida: “faça comigo”.

Enquanto o ensino tradicional busca o controle dos alunos, a inventividade pedagógica exige disciplina para a autonomia: errância, experimentação, trabalho atento e sensibilidade ao novo. O ponto de vista da arte permite que o aprendiz reinvente a si mesmo e ao mundo. Aprender não é apenas acumular conhecimento, mas um ato contínuo de liberdade e criação.

Abraçamos, assim, a inventividade na sala de aula e nos abrimos às possibilidades que ela carrega: à sensibilização para o interno (o eu) e para o externo (o outro), à flexibilidade e criatividade diante de problemas cotidianos ou complexos, à criticidade e ao pensamento abstrato.

uma escrita cartográfica

Ao discutir a inventividade no fazer docente, não tratamos apenas de uma categoria abstrata, mas de uma prática viva, que pode ser experimentada e reinventada em contextos educativos concretos. Nesse sentido, a pesquisa buscou sobretudo experimentar caminhos metodológicos que colocassem a inventividade em movimento.

A escrita deste texto, portanto, não apenas descreve a pesquisa, mas também se constrói como um gesto cartográfico do próprio processo investigativo. Em uma experiência metalinguística, a arte atravessa a pesquisa, ao mesmo tempo em que a pesquisa se deixa atravessar pela arte.

Afinal, desejamos borrar as fronteiras entre professora e artista, convidando docentes a produzirem também caminhos inventivos — e a experimentarem essas possibilidades por meio da arte.

A cartografia não busca reproduzir ou representar uma realidade preexistente, mas se compromete com a criação de um mundo comum e heterogêneo. Caminhamos juntas, intervindo diretamente na produção desse conhecimento — quando propomos, por exemplo, a criação do livro *Eu e Minha Mãe – A Equilibrista* (2025) —, mantendo-nos sensíveis às transformações vividas ao longo da investigação e partindo, sobretudo, da transversalidade: desejamos não nos fechar aos conceitos estudados, mas abrimos às transgressões e aos emaranhados que com eles podemos tecer.

o nascimento de eu e minha mãe - a equilibrista

Foi desse desejo que nasceu o projeto *Eu e Minha Mãe – A Equilibrista* (2025), uma criação coletiva que articulou infância, arte contemporânea e afetividade, constituindo-se como um exemplo de pesquisa-invenção no campo da educação.

Durante a pesquisa, eu fazia parte — e ainda faço — da equipe de uma escola particular, atuando como bibliotecária. Uma das minhas funções era a

contação de histórias para crianças de 2 a 7 anos, o que exigia a leitura e seleção prévia de livros do acervo escolar. Foi nesse contexto que me deparei com o livro *Uma Viagem Divertida*, de Edna Ande e Sueli Lemos (2021), inspirado nas obras do artista plástico Gustavo Rosa. As autoras construíram uma narrativa a partir de pinturas já existentes, transformando-as em uma história com início, meio e fim.



Figura 1: Capa de “Uma Viagem Divertida”.

Inspirada por nesse trabalho, a ideia inicial desta pesquisa era trabalhar a arte contemporânea por meio das obras da artista plástica Vânia Mignone. Mignone, nascida em São Paulo em 1968 e formada pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), atua com pintura, desenho e ilustração. Sua obra, marcada por experimentações e múltiplas linguagens, destaca-se na arte contemporânea brasileira por explorar questões sociais e a relação entre o indivíduo e seu contexto.

A escolha pela artista surgiu por sua sensibilidade estética — pelas cores fortes, pelos traços simples e, principalmente, pela mistura entre narrativas escritas e visuais. Um desenho pode contar por si só uma história, mas a escolha de Vânia em combinar elementos visuais e textuais nos dá pistas e nos intriga. São temas que aproximam o cotidiano do idílico, criando uma linguagem ao mesmo tempo acessível e desafiadora. Gosto do cotidiano e das coisas “pequenas”, e acredito que a arte contemporânea cria essa aproximação entre o delírio, a experiência e o cotidiano. É dessa raiz que nasce meu interesse por ela.

Ao ter contato com o livro mencionado, surgiu a ideia de criar uma história baseada nas pinturas de Mignone, dando origem ao projeto piloto *Eu e Minha Mãe – A Equilibrista* (2025).

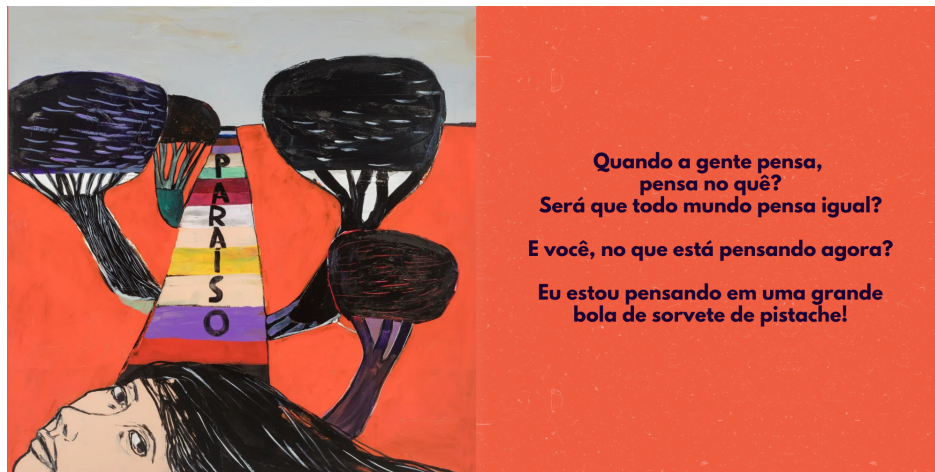


Figura 2: Primeira página do projeto piloto “Eu e Minha Mãe - A Equilibrista”.

a coletividade como método

Em uma das nossas reuniões, enquanto discutíamos as referências e refletíamos sobre uma pesquisa coletiva e não individualizada — inspiradas por Ailton Krenak (2020), Gloria Anzaldúa (2000) e Débora Diniz (2022) —, nos deparamos com outro possível caminho: e se nós também fizéssemos o processo de ilustração do livro? Afinal, um dos pontos que atravessam a pesquisa é a inventividade pedagógica. Não seria o processo de criar e ilustrar o livro uma concretização desses conceitos?



Figura 3: Primeira página do projeto final “Eu e Minha Mãe - A Equilibrista”.

Partindo das ideias de trabalhar a experiência por meio da arte contemporânea, exercitar a inventividade do trabalho pedagógico e pensar uma pesquisa não individualista, chegamos ao seguinte percurso: convidar 14 artistas

independentes e contemporâneos que fizeram parte da minha trajetória pessoal, fortalecendo uma comunidade científica e artística (Anzaldúa, 2000).

Esses artistas são amigas/os, colegas de curso ou de profissão, pessoas com quem mantenho algum vínculo afetivo. A ideia de nutrir esses laços vem da defesa de uma pesquisa coletiva e afetiva que ouve diferentes vozes e contextos sociais. São mulheres, homens e pessoas não-binárias, de distintas orientações sexuais, raças, classes sociais e profissões — todas comprometidas, à sua maneira, com a democratização da arte — que juntos, formamos o *Coletivo Teias*.



Figura 4: Página sobre o Coletivo Teias presente no livro “Eu e Minha Mãe - A Equilibrista”.

Somos múltiplas vozes que partem de diferentes referências, alinhadas pelo objetivo comum de pensar a experiência para as infâncias. Inspiradas em Anzaldúa (2000), defendemos uma pesquisa “terceiro-mundista”, que fuja das ideias eurocêntricas e patriarcais de ciência.

A escolha por 14 artistas diferentes para 14 ilustrações também foi estética: a história tem um fio condutor que acompanha as reflexões de uma criança sobre o mundo que a cerca. Como o pensamento é fragmentado, a narrativa também o é. Assim, cada artista recebeu apenas um “fragmento” da história para ilustrar, sem acesso ao livro completo.

Antes de cada um iniciar o processo, propus perguntas como: “O que você gostava de fazer quando criança e não faz mais?”. O objetivo era reconectar cada artista à sua própria infância, aproximando-os da perspectiva da protagonista.

Durante o processo, alguns expressaram insegurança — por não conhecerem o texto completo ou por não haver um padrão estético definido. Para

responder a isso, estabelecemos apenas alguns elementos de padronização da personagem principal (tipo de cabelo, tons de pele e biotipo), garantindo sua continuidade visual sem apagar a multiplicidade dos traços.

Procurei não direcionar para um resultado específico: o interesse era observar de que maneira o texto afetava cada artista. As conversas revelaram que, para alguns, os fragmentos despertaram lembranças profundas de infância, que acabaram incorporadas nas ilustrações. Assim, diferentes experiências infantis se entrelaçaram, reverberando em outras infâncias que o livro poderá alcançar.

Durante a montagem e diagramação, a primeira profissional responsável precisou se afastar por motivos pessoais. Convidei então Maria Eduarda Dunker, formada em Design pela UFPR, que passou a integrar oficialmente o projeto em julho.

Com sua experiência, Maria Eduarda levantou uma questão importante: a ausência de uma paleta de cores definida poderia comprometer a coesão visual do livro destinado às infâncias. Diante disso, ajustamos algumas cores em determinadas ilustrações, com autorização dos artistas, garantindo unidade estética sem apagar a singularidade de cada obra.

A capa foi criada a partir da ilustração final da narrativa, feita por Otávio Cerqueira, nosso artista de 6 anos de idade — com a devida autorização de seus responsáveis. O projeto gráfico foi finalizado em setembro, e uma campanha de financiamento coletivo foi lançada na plataforma *Benfeitoria*, atingindo sua meta em outubro. Todos os envolvidos no *Coletivo Teias* contribuíram de forma voluntária, movidos pelo desejo de participar dessa experiência coletiva.

Nem toda pergunta tem resposta. Nem toda escuridão é eterna. E nem todo amanhã é igual.

Neste livro, seguimos os pensamentos de uma criança que, com curiosidade e imaginação, observa o mundo enquanto caminha até a escola com a mãe. Entre as cores que mudam no céu, o sol que boceja e pássaros-mola, ela vai descobrindo que os adultos também têm medos, que a vida é feita de escolhas e que o amanhã pode ter gosto de sorvete de pistache.

Uma jornada sobre crescer — e ainda assim encontrar acalento nos carinhos de uma mão calosa.

Coletivo
teias—*

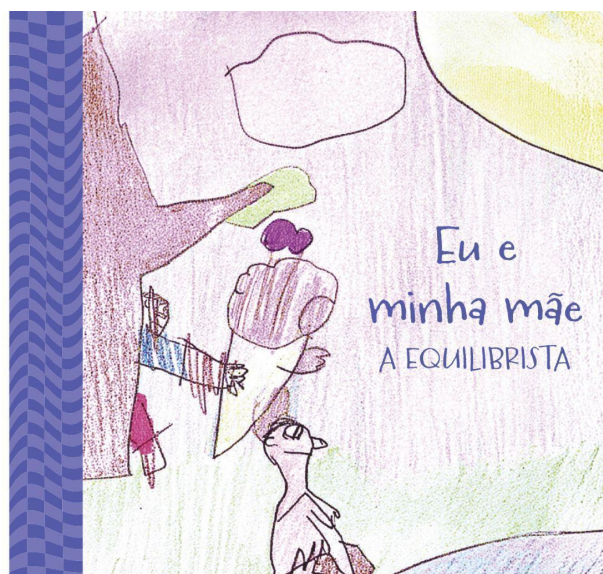


Figura 5: Capa e contracapa de “Eu e Minha Mãe - A Equilibrista”.

Além disso, destinamos doações à *Biblioteca Pública do Paraná*, reafirmando o compromisso com a devolução do conhecimento à comunidade e a valorização dos espaços públicos de cultura e educação. A distribuição dos exemplares carrega, assim, uma dimensão simbólica e prática: não se trata apenas de fazer o livro circular, mas de consolidar uma rede de partilha e inventividade.

O resultado final é uma obra literária que concretiza os objetivos da pesquisa: propor um espaço de experiência através da arte contemporânea, com ilustrações produzidas por artistas contemporâneos, e apresentar um caminho inventivo que desafia os limites tradicionais da educação.

Dessa forma, *Eu e Minha Mãe - A Equilibrista* (2025) se torna não apenas um livro para as infâncias, mas também um experimento pedagógico e artístico que propõe novas possibilidades para a educação e para a própria produção do conhecimento — o caminho inventivo de se fazer docência.

considerações finais

Nós nos indagamos: como uma educadora pode criar caminhos inventivos que tornem a experiência – sobretudo a infancizante – possível, a partir da arte contemporânea? Essa pergunta nos acompanhou como uma sede insaciável, que se transformou ao longo do percurso, desviando-se, abrindo novas rotas e inventando problemas.

O processo de criação do livro *Eu e Minha Mãe - A Equilibrista* (2025) encarnou essa perspectiva. Não foi apenas um produto final, mas um dispositivo inventivo, um território de vozes, imagens e afetos, que revelou como arte e educação podem se entrelaçar. A literatura e a narrativa do livro orientaram escolhas estéticas, afetivas e pedagógicas, mostrando que cada gesto de criação é também um gesto de formação docente. Lançá-lo foi experienciar, coletivamente, o efeito do gesto pedagógico, percebendo como crianças e educadores se relacionam com a invenção, a surpresa e o sensível.

Reconhecemos também os limites deste percurso: a pesquisa é situada, atravessada pelas minhas escolhas, pelos artistas convidados e pelas condições concretas do tempo e da vida que me situa. Busquei cartografias possíveis, abertas a serem retomadas, desviadas e reinventadas por outras educadoras.

O que fica, por fim, é o desejo de que possamos seguir inventando histórias, encontros e mundos. Que a docência se mantenha errante, corajosa e poética. Que possamos, sempre, aprender com as crianças a “devorar mundos”.

referências

- ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. *Uma viagem divertida*. Ilustrações de Gustavo Rosa. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARROYO, Miguel González. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Infância e escola: tempos e espaços de crianças*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 119-130.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e Alteridade em Educação. *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, p. 04-27, 5 jul. 2011.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BORDA, Orlando Fals. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, D.F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 73-79.
- DINIZ, Débora. *Cartas de uma orientadora*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- Eisner, Elliot. (2008). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem fronteiras*, 8 (2), 5-17.
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Revista Psicologia*. v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago., 2013.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 112-122, 2008.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Desafios da arte contemporânea para a educação: práticas e políticas. *Education Policy Analysis Archives*, v. 20, p. 42, 2012.
- LUFT, Lya. *Perdas e ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 12.
- MICHAELIDES, Amanda. *Eu e minha mãe: a equilibrista*. 1. ed. Curitiba: Coletivo Teias, 2025.
- MORAES BATTISTELLI, Bruna; LIMA, Kelly; DA CRUZ MELNICK, Caroline. Cartas para sentipensar a poética na docência em educação. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 10, n. 3, p. 56-74, 2024.
- NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infancialização: Ubuntu, Teko Porã e a infância como experiência ética. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-649, set./dez., 2018.
- OKANO, Michiko. Ma – a estética do “entre”. *Revista USP*, São Paulo, n. 100, p. 150-164, dez. 2013/fev. 2014.

amanda de carvalho michaelides

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, artista e escritora.

bruna moraes battistelli

Professora no Setor de Educação e no PPG em Educação na Universidade Federal do Paraná. Doutora e Mestra em Psicologia Social e Institucional.

como citar este artigo:

ABNT: MICHAELIDES, Amanda de Carvalho; MORAES BATTISTELLI, Bruna. Cartografias da inventividade pedagógica: infanciar e experienciar através da arte contemporânea. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 22, e202695500, p. 1-16, 2026. Disponível em: _____ Acesso em: _____

APA: Michaelides, A. de C; MORAES BATTISTELLI, B. (2026). Cartografias da inventividade pedagógica: Infanciar e experienciar através da arte contemporânea. *childhood & philosophy*, 22, e202695500.

créditos

-
- **Agradecimentos:** As autoras agradecem a todos(as) os(as) amigos(as)-artistas que contribuíram com o processo de construção deste trabalho e a todas as crianças e adultos devoradores de mundos.
 - **Revisão gramatical e ortográfica:** Gabriela Lafetá
 - **Financiamento:** A presente pesquisa não recebeu financiamento de agências de fomento públicas, privadas ou sem fins lucrativos. O livro que originou parte deste trabalho foi viabilizado por financiamento coletivo, por meio da plataforma Benfeitoria.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável,
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
 - **Contribuição dos autores:** Ambas as autoras trabalharam na organização, escrita e revisão do texto.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade **Plagius**

submetido em: 02.12.2025

aprovado em: 12.06.2026

publicação: 30.07.2026

parecerista 1: veronica torres gurgel

parecerista 2: anônimo